
COMO A AMAZÔNIA PENSA A SI MESMA: COMUNICAÇÃO, TERRITÓRIOS, IMAGINÁRIOS E DISPUTAS DE VISIBILIDADE

HOW THE AMAZON THINKS ITSELF: COMMUNICATION, TERRITORIES, IMAGINARIES, AND DISPUTES OVER VISIBILITY

CÓMO LA AMAZONÍA SE PIENSA A SÍ MISMA: COMUNICACIÓN, TERRITORIOS, IMAGINARIOS Y DISPUTAS DE VISIBILIDAD

Fábio Parode

Universidade Federal do Ceará | Universidade Federal do Pará

Marina de Castro

Universidade Federal do Pará

Fábio de Castro

Universidade Federal do Pará

O presente dossiê nasce de uma questão que, embora aparentemente simples, desloca de maneira significativa os modos tradicionais de pensar a Amazônia: como a Amazônia pensa a si mesma? Mais do que perguntar como o Brasil, a ciência, os meios de comunicação ou os discursos internacionais representam a região, trata-se de voltar o olhar para os processos pelos quais sujeitos, comunidades, artistas, pesquisadores e grupos sociais amazônicos produzem suas próprias narrativas, disputam sentidos, elaboram formas de pertencimento e constroem modos de estar no mundo.

Essa perspectiva constitui o eixo articulador da presente coletânea. Conforme proposto na chamada do dossiê, interessa-nos compreender a Amazônia não apenas como objeto de discursos produzidos a partir de fora, mas como território de enunciação, produção de conhecimento, criação estética, resistência política e elaboração de futuros possíveis. Nesse deslocamento, a Amazônia deixa de ocupar exclusivamente o lugar de paisagem, recurso, fronteira ou problema nacional e passa a

ser compreendida como espaço produtor de pensamento, linguagem, cultura e conhecimento.

Essa mudança de perspectiva implica também interrogar os regimes históricos de representação que atravessaram a região. Quem fala sobre a Amazônia? Quem pode falar em nome dela? Quais imagens, discursos e imaginários foram historicamente mobilizados para defini-la? E, sobretudo, quais sujeitos e coletividades estão hoje produzindo outras formas de narrar, representar e significar a Amazônia?

A questão ganha especial relevância diante das transformações ambientais, sociais, econômicas, tecnológicas e políticas que atravessam a região. As mudanças climáticas, os conflitos territoriais, as desigualdades de acesso às tecnologias, as disputas em torno dos recursos naturais e as diferentes concepções de desenvolvimento sustentável colocam em evidência a necessidade de compreender a Amazônia a partir de suas próprias experiências e formas de elaboração. A chamada do dossiê situa justamente essa problemática ao perguntar como as populações amazônicas pensam seu compromisso histórico diante das mudanças climáticas e da construção de estratégias de cuidado ambiental e desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, o dossiê não pretende oferecer uma imagem única ou totalizante da Amazônia. Ao contrário, reúne perspectivas diversas, por vezes tensionadas entre si, que revelam a pluralidade dos modos de existência, comunicação e produção de sentidos na região. Os artigos aqui reunidos transitam por diferentes territórios, sujeitos, linguagens e objetos, articulando comunicação, cultura, imaginário, tecnologia, questões ambientais, economia, territorialidades, direitos e formas de organização social.

Essa diversidade não constitui apenas uma característica formal da coletânea. Ela é, em si mesma, uma resposta à questão que orienta o dossiê. Se a Amazônia pensa a si mesma, ela o faz por múltiplas vozes, linguagens, territórios e regimes de experiência. A autorreflexividade amazônica não se apresenta como uma narrativa homogênea, mas como um campo de disputas, negociações, resistências, invenções e traduções.

É nesse horizonte que se insere o artigo **“Musicar a Amazônia: performance, circulação e territorialidade nos festivais de Parintins e Juruti”**, de Vale et al., que

examina as formas de enunciação da Amazônia nas performances musicais do Festival Folclórico de Parintins e do Festribal de Juruti. Ao perguntar quem pode falar em nome da região e por meio de quais dispositivos e mediações culturais, turísticas e midiáticas, o estudo evidencia como as performances populares também constituem espaços de disputa pela representação da Amazônia.

A dimensão territorial e as desigualdades de acesso aos meios de comunicação são abordadas em **“Vozes do Quilombo: comunicação, território e desigualdades digitais em Tracuateua (PA)”**, de Castro et al. Ao investigar os usos sociais dos *smartphones* em comunidades quilombolas do nordeste paraense, o artigo desloca a discussão sobre inclusão digital para as condições concretas de infraestrutura, sociabilidade e territorialidade, mostrando que o acesso às tecnologias não pode ser dissociado das desigualdades históricas que estruturam os territórios amazônicos.

A relação entre Amazônia, tecnologia e produção automatizada de imagens aparece em **“Imaginário amazônico automatizado: signos e representações em imagens geradas por Inteligência Artificial”**, de Prado et al. O experimento realizado com diferentes sistemas de Inteligência Artificial Generativa de Imagens permite problematizar não apenas as possibilidades técnicas dessas ferramentas, mas também os repertórios imagéticos a partir dos quais a Amazônia é novamente representada. O artigo recoloca, em chave contemporânea, uma questão central do dossiê: quais imaginários sobre a Amazônia estão sendo produzidos, reproduzidos e automatizados?

Em **“Drags da Amazônia: estética *povera* e natureza como linguagem visual”**, Zapata et al. deslocam a discussão para os processos de subjetivação e para a cultura drag amazônica. Ao tomar a estética e a imagem midiaticizada como objetos de investigação, o artigo amplia a compreensão da autorreflexividade amazônica para experiências de gênero, performance e criação estética, evidenciando que pensar a Amazônia também significa interrogar os corpos, as identidades e as formas dissidentes que nela produzem visibilidade.

A problemática da representação retorna, sob outra perspectiva, em **“Qual Amazônia cabe em um cartão-postal? Representações, imaginários e regimes de visibilidade da Amazônia”**, de Marques et al. O cartão-postal é analisado como artefato comunicacional capaz de condensar e fazer circular determinadas imagens da região. O

artigo permite compreender como determinados regimes de visibilidade selecionam aquilo que pode ser mostrado e, simultaneamente, aquilo que permanece fora do enquadramento.

Essa disputa pela produção de narrativas próprias ganha uma dimensão jurídica, comunitária e memorial em **“Jurisgrafia e escrevivência contra a gramática da morte: experiências de autonomia comunitária em Barcarena (Amazônia brasileira)”**, de Hazeu et al. Ao articular jurisgrafia e escrevivência, o estudo mostra como comunidades tradicionais transformam memória, oralidade e sofrimento em formas próprias de produção normativa. Trata-se, portanto, de uma reflexão que desloca o direito de seu lugar exclusivamente institucional e o aproxima das práticas concretas de existência, memória e autonomia comunitária.

O debate sobre sustentabilidade é problematizado em **“Uma análise sobre o uso dos recursos semióticos nas estratégias de greenwashing no Brasil”**, de Monteiro et al. O artigo examina como empresas mobilizam recursos semióticos para construir uma imagem de sustentabilidade que pode não corresponder às suas práticas socioambientais. A discussão introduz uma dimensão fundamental para o debate amazônico: a necessidade de distinguir entre discursos de sustentabilidade e efetivas práticas de transformação socioambiental.

A comunicação indígena ocupa lugar central em **“A imanência do político: comunicação indígena e presença Mëbêngôkre-Kayapó nas redes sociais”**, de Silva e al. Ao analisar a apropriação da internet e das redes sociais pelo povo Mëbêngôkre-Kayapó da Aldeia A’Ukre, o artigo evidencia que as tecnologias digitais não representam apenas instrumentos externos de comunicação, mas podem ser apropriadas e ressignificadas como espaços de presença, expressão e ação política.

A relação entre território, produção e sustentabilidade é explorada em **“Florestas produtivas na Amazônia Legal: avançando pelo debate e possibilidades no estado do Pará a partir de uma experiência do TED UFMA/INCRA”**, de Araújo Ferreira et al. Ao analisar projetos de assentamento no Pará, o estudo contribui para a discussão sobre alternativas de desenvolvimento e para a construção de possibilidades que articulem produção, território e conservação.

O artigo **“Quando a comunicação prescinde da palavra: comunicação intersensorial e sociabilidades no transporte coletivo urbano”**, de Amador de Oliveira Dias et al., amplia o próprio conceito de comunicação ao investigar processos sensoriais e corporais presentes em situações de copresença. Embora não se restrinja ao território amazônico, o artigo contribui para o dossiê ao deslocar a compreensão da comunicação para além da linguagem verbal, evidenciando sua dimensão incorporada, espacial e sensorial.

O artigo **“O segredo e o sagrado na Amazônia digital: a negociação da visibilidade do Tambor de Mina no ciberespaço”**, de Rosário Jr., retoma uma tensão particularmente significativa para a contemporaneidade: a relação entre aquilo que pode ser tornado visível e aquilo que deve permanecer protegido pelo segredo. Ao investigar os processos de mediação do Tambor de Mina, o artigo evidencia que a inserção das práticas religiosas no ciberespaço não ocorre sem negociações, tensões e transformações.

Por fim, **“Amazônia, vais morrer!”: narrativa regionalista e discurso identitário na canção popular da Belém “oitocentista”**, de Ribeiro Moreira, apresenta uma leitura sobre a canção popular como processo comunicacional e construtor de narrativas e discursos regionalistas na cidade de Belém do Pará nos anos 1980.

Tomados em conjunto, os trabalhos aqui reunidos permitem perceber que pensar a Amazônia a partir da própria Amazônia significa necessariamente enfrentar a questão da representação. Trata-se de compreender quem produz imagens, quem controla os dispositivos de circulação dos discursos, quais vozes alcançam visibilidade e quais permanecem marginalizadas, quais conhecimentos são legitimados e quais são historicamente silenciados.

A comunicação, nesse contexto, não aparece apenas como campo de transmissão de informações. Ela constitui um espaço de disputa simbólica, produção de territorialidades, construção de identidades, elaboração de memórias e exercício de poder. É por meio dela que diferentes sujeitos tornam visíveis suas experiências, reivindicam reconhecimento, disputam narrativas e produzem outras possibilidades de futuro.

Por isso, a pergunta “como a Amazônia pensa a si mesma?” não deve ser entendida como uma busca por uma essência amazônica ou por uma identidade regional única. Trata-se, antes, de reconhecer a existência de múltiplas Amazônias, atravessadas por diferenças culturais, territoriais, sociais, políticas, ambientais e estéticas. A autorreflexividade aqui proposta é, portanto, plural, situada e conflitiva.

O conjunto de artigos evidencia, ainda, que a crise climática não pode ser dissociada das disputas narrativas e das relações de poder que definem o que se entende por desenvolvimento, sustentabilidade, território e futuro. A Amazônia não é apenas cenário das mudanças climáticas: é também lugar de produção de conhecimentos, estratégias e experiências capazes de tensionar os modelos hegemônicos de desenvolvimento. Essa perspectiva está diretamente relacionada à preocupação expressa na chamada com a formulação de estratégias, políticas e pesquisas voltadas ao cuidado ambiental e à construção de possibilidades de desenvolvimento sustentável.

Assim, este dossiê procura contribuir para uma mudança de perspectiva: da Amazônia representada para a Amazônia que representa; da Amazônia objeto para a Amazônia sujeito; da Amazônia narrada para a Amazônia que narra, interpreta, disputa e produz conhecimento sobre si mesma.

Mais do que oferecer respostas definitivas, os textos reunidos aqui abrem questões. E talvez seja justamente nessa abertura que resida sua principal contribuição: compreender a Amazônia como um campo vivo de produção de sentidos, no qual comunicação, cultura, arte, tecnologia, território, sustentabilidade, memória e política se encontram e se tensionam.

É nesse movimento — entre representação e autorrepresentação, território e desterritorialização, memória e futuro, visibilidade e segredo, tecnologia e tradição, desenvolvimento e sustentabilidade — que este dossiê convida o leitor a pensar com a Amazônia, e não apenas sobre a Amazônia.

SOBRE O(A) AUTOR(A)

Fábio Pezzi Parode

Doutor em Estética pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne (2005), mestrado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2000), Especialista em Design Estratégico pela UNISINOS (2008), graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1992). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Estética e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, estética e comunicação, comunicação visual e design. É professor pesquisador em Design, Artes Visuais e Estética, com publicações na área; realiza pesquisa sobre audiovisual, estética e processos minoritários. Foi editor do periódico científico Strategic Design Research Journal, (www.unisinos.br/sdrj), de 2008 até 2015. É editor-chefe do periódico científico PASSAGENS (<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/passagens>) de 2018 até o presente. É membro do Grupo de Pesquisa CNPq Semiótica e Estudos da Comunicação - GPESC, liderado pelo profa. Dra. Nísia Martins do Rosário - UFRGS; realizou pós-doutorado sobre o tema Arte e Design com supervisão da prof. Dra. Icleia Borsa Cattani, do programa de pós-graduação em Artes da UFRGS, realizou pós-doutorado na Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades (Comunicação) sobre Estética, Comunicação e Poder com supervisão do prof. Dr. Osmar Gonçalves. Realizou pós-doutorado no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - INCT com coordenação do prof. Dr. Afonso Albuquerque e supervisão do prof. Dr. Diógenes Lycarion Barreto de Sousa. Possui Licenciatura em Artes Visuais pela Uninter.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2559908721277242>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7602-8865>

E-mail: fparode@gmail.com

Marina Ramos Neves de Castro

Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA (Nota 5 Capes) da Universidade Federal do Pará. Mestre em Artes pelo PPGArtes (Nota 4 Capes) do Instituto de Ciências das Artes e mestre em Estudos das Sociedades Latino-Americanas - Opção Comunicação, pela Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3). Realizou estágio doutoral no Departamento de Antropologia do University College London, com o Prof. Daniel Miller a partir do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - com apoio da CAPES. Coordena, desde 2018, o grupo de pesquisa certificado pelo CNPQ Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas – SISA

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6636359546031674>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3065-270X>

E-mail: marinacastro@ufpa.br

Fábio Fonseca de Castro

Professor titular da Universidade Federal do Pará, vinculado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor e atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU). Professor colaborador no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM). Foi professor visitante (visiting scholar) no Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge e conferencista da London School of Economics em 2017-18. Pós-doutor em Etnometodologia pela Universidade de Montreal (2014). Doutor em Sociologia pela Universidade da Sorbonne (Paris V Descartes) (2004). Mestre em Antropologia e Estudo das Sociedades Latino-Americanas pela Universidade de Sorbonne-Nouvelle) (2000). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1995). Graduado em Comunicação-Jornalismo pela UFPA (1990). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas (SISA) e líder do Grupo de Pesquisa sobre Ontologias do Desenvolvimento (ONDE), no CNPq.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5700042332015787>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8083-1415>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

PARODE, Fábio; CASTRO, Marina Ramos Neves de Castro; CASTRO, Fábio Fonseca de. Editorial - Como a Amazônia pensa a si mesma: comunicação, territórios, imaginários e disputas de visibilidade. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 17, n. especial, p. e102792, 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/passagens/article/view/102792>. Acesso em: 16 out. 2026.

RECEBIDO EM: 16/10/2026

ACEITO EM: 16/10/2026

PUBLICADO EM: 16/10/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
